



«Trabalhar como quem brinca» — na palavra de Pai Américo — fá-los esquecer a Rua... — testemunha o Ângelo, com o balde na mão.

## Notas da Quinzena

● Faz-me pena ouvir tantas queixas. De quase todos os cantos de Portugal batem à nossa porta. São cartas. São os encontros na rua. Se não estivermos bem seguros, damos connosco também a queixar-nos. E, por este caminho, não resolvemos nada. O ver, julgar e agir há-de ser a regra de um coração sábio e comprometido. Deixarmo-nos abafar pelos acontecimentos é morrer. Passar ao lado, indiferentes, é fraqueza. Agarrá-los com ousadia e determinação, parte de um coração pobre e humilde que deixa ficar luz e esperança.

Estou a lembrar-me daquele grupo de vicentinos que veio falar-nos de um caso aflitivo. Era uma velhinha acamada por causa da paralisia. Vivía numa barraca imunda. Os filhos, separados das mulheres, perderam também o carinho para com a mãe que tinha uma pensão social que dava para uma

mulher cuidar, por um pouco de tempo ao dia, da pobre abandonada. Mas encontrá-la? Como se esta desgraça não chegasse, um filho ia lavar a mãe e «servia-se» dela. Aqui, só uma linguagem tem lugar — o Amor. Queixar-se desta situação não chega. Quem ama, decide-se. Procura solução. Não dorme tranquilamente.

Estava na frente de um grupo que viu, julgou e queria agir. Foram apontados caminhos. Nem sempre os mais fáceis são possíveis. Não importa! Há que agir. Batem à porta de muitos Lares, ditos da terceira idade. Mas o dinheiro da

pensão não chegava. Depois... era um «tipo» de peregrino que não tem lugar em qualquer «estalagem» por mais requintada que seja. Queixar-se? Não resolve nada. Há que meter a mão na algibeira e tirar de lá o que for necessário. Assim foi. Está resolvido o problema.

Há-de chegar o dia em que o Calvário será a sua casa sem os problemas «do dinheiro que não chega». O tesouro escondido nesta parálitica abandonada é o preço da doação total e gratuita de outros corações que hão-de vir a seu tempo, para

Cont. na 3.ª página

## AQUI, LISBOA!

Realiza-se nos próximos dias 5 a 9 de Setembro, em Fátima, a VI Semana Nacional de Pastoral Social, sob a temática «A pessoa toxicodependente e os seus problemas», repartida por sessões plenárias e parciais, a cargo de personalidades qualificadas, sendo de prever grande afluência de gente interessada em tão grave questão. Oxalá os resultados sejam os desejáveis, tanto mais que, infelizmente, até agora, pouco ou nada existe de palpável no País como resposta, particular ou oficial, nomeadamente da Igreja.

Numa sociedade decadente, em que os valores do espírito se vão ausentando, com o descalabro da família, a falta de empregos e a crise do ensino, etc., etc., não nos admiramos que, faltando a segurança, se gere um clima de medo e de instabilidade propício à evasão e à experimentação, factores logo aproveitados pelos oportunistas, constituídos em sofisticadas redes, em que os «cérebros» se escondem, usufruindo largos proveitos.

Graças a Deus que nas nossas Casas o problema da droga tem sido, pelo menos até ao momento, irrelevante. Claro que procuramos estar atentos, su-

pondo, todavia, que, mesmo para os casos incipientes à chegada, o facto de os Rapazes viverem permanentemente ocupados e sem grandes disponibilidades materiais, os defende de tal praga. O sistema educacional activo que caracteriza a Obra, tanto quanto nos é dado a perceber, tanto previne como cura, se isso é possível, sobretudo em situações de dependência profunda.

Temos recebido, ao longo dos anos, inúmeras cartas de pais atormentados, sobretudo de mães, sofrendo na sua carne e no seu espírito, as amarguras de filhos drogados. Nada podendo fazer, além de rezar como homem de fé, procuramos incutir coragem e compreensão, certos que estamos nada se lucrar com marginalizações, antes pelo contrário, ou nas alturas dos desequilíbrios em que mais se precisa de carinho e de apoio.

Todos precisamos de conversação, sobretudo os pais e os educadores. Os jovens necessitam de acreditar em nós, mas, mais do que palavras, precisam de exemplos, um contacto permanente e interessado. Se fôssemos a perguntar quantos minu-

Cont. na 3.ª página

## TRIBUNA DE COIMBRA

■ «As suas boas obras os acompanham». Esta palavra da Sagrada Escritura é palavra de total confiança para todo o que crê. É palavra de confiança que dá sentido à vida de todos aqueles que se dedicam ao bem dos Outros.

Nestes dias de passagem pelas terras onde viveram e em contacto com familiares, tenho recordado, com muita saudade, três grandes Amigos que o Senhor chamou para o Seu Reino.

A primeira, foi D. Mimi, de Medelim. Filha de gente rica e menina muito prendada, a sua paixão foi sempre o bem dos Outros, especialmente os mais pobres. Conheci-a quando Pai Américo lançou o pregão do Património dos Pobres. Esta senhora veio um dia inteiro de comboio saber como era. E começou a construir um bairro na sua terra. Depois, fundou uma casa de trabalho doméstico, na sua própria casa. A se-

guir, começou a recolher crianças durante o dia, para que as mães estivessem mais livres para as suas obrigações. No Verão organizava colónias à beira-mar. Quase no fim da vida, criou um lar de dia, para idosos. A Igreja foi sempre, para ela, o centro da família, o centro da sua força.

A sua última etapa foi a doença. «A doença dos mil contos» — como ela lhe chamava. Morreu na paz de Deus. Deixou a todos os que a conheceram — e foram muitos — o testemunho da sua vida de total dedicação a Deus, em Quem sempre acreditou e à Família de Deus que somos todos nós.

■ O segundo a partir, foi João Cância. Conheçemo-lo há muitos anos, na Covilhã. Enquanto pôde, foi sempre o mordomo das Festas dos Gaítos. Que gestos de amizade este homem nos mostrou! Quantas

vezes veio com seu carro carregado, trazer a nossa Casa as ofertas que lhe entregavam!

Os últimos anos foram de doença de coração e cerebral. Procurou aceitar a doença e a paralisia com espírito cristão. Estou a vê-lo a falar do Santo Sudário de Cristo. Com que entusiasmo e amor ele O acompanhou!

Encontrámos este homem sempre disposto a servir. A servir por amor. A servir Deus e os homens.

■ Há dias, o Senhor veio buscar D. Maria Generosa Bandeira, a Leiria. Como esposa, como mãe, como vicentina — que facetas de vida esta senhora escreveu com sua própria vida! Para mim e para os nossos rapazes, procurou ser sempre mãe. Foi assim que quis ser. Tantos Natais nos fez!

Os tormentos e dores da vi-

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Tojal

CAPELA — As obras começaram em 1 de Julho de 1988. Hoje, podemos dar graças a Deus pelas instalações que possuímos que nos asseguram as condições mínimas da nossa vida comunitária.

Agora, é a vez da Capela. Os nossos Rapazes interrogam-se uns aos outros: «É aqui que vai ser construída?»

Está a ser edificada perto da casa-mãe e da nossa escola. As marcações e os caboucos estão feitos e os seguintes trabalhos já encaminhados.

Muitos Amigos têm partilhado conosco neste projecto. Ela é «Fonte da Vida» onde corre muita água fresca, de cristalina transparência. «Obra de sofrimentos íntimos que não se publicam.» Casa de Deus! Onde podemos reflectir! Depositar o nosso trabalho! Conhecer o belo, o justo e o verdadeiro.

Pai Américo «suspirou» pelo dia da construção da Capela e acrescenta: «Esperei com violência»; e, com ele, também esperamos pelo «posse plena».

«Deus há-de permitir que este nosso sonho se torne uma bela realidade que irá trazer tantas graças a tanta gente.»

FUTEBOL — Já iniciámos as obras no campo de futebol. E alguns melhoramentos com a ajuda de amigos nossos. Ofereceram o areão e as máquinas para o nivelamento do campo... mas ainda há muito que fazer!

Aproveitamos para convidar empresas, bancos, oficinas, paróquias para virem até nós com o desejo de jogar uma partida de futebol.

AGRICULTURA — A colheita da batata foi melhor do que a do ano passado. Todos os dias os nossos Rapazes arrancam batatas. O sr. Rafael já lavrou os dois terrenos que antes tinham batata.

Todos os dias temos, na mesa, salada de tomate. Os pimentos estão um primor e a cebola valenciana muito bonita.

Estamos a ceifar o milho e a aveia para o gado

SELOS — O Hélio coleciona selos e pede aos nossos leitores que tenham paciência para os selos usados. Não deem fora os antigos e, se não os quiserem, ofereçam-nos. Há alguns rapazes interessados em completar colecções de selos. Ficamos muito gratos e cá os esperamos!

Angelo Duarte Félix Ferreira

## Azurara

Estamos em Azurara na «nossa» praia — assim dizem os nossos pequeninos.

O sol vai-nos acompanhando, assim como o vento, do qual pouco gostamos.

A alegria reina entre todos, desde o chefe que é o Lando, até ao mais

pequenino que é o Ilídio. Este é o «Rei» do grupo. Molhando os calções, abre os braços, pega-me na mão e, radiante, diz: — *Vês, já não tenho medo!... Que bom!... Que bom!*

Ricardinho, também junto de nós, salta e brinca: — *Vamos correr, vamos?*

E lá vamos todos em cornelia. De repente, o Ricardinho pára e o Ilídio também.

— Olha, eu quero isto...

Era um baldinho que um pequenino como eles, tinha.

Depois de compreenderem que não era nosso, lá continuamos a corrida.

Agora, sentada na areia, olho-os com ternura e vou reflectindo na palavra de Jesus: «Felizes os olhos que vêem o que vós vedes! Muitos quiseram ver e não viram e ouvir o que ouviram e não ouviram».

Isto é uma realidade na vida deste mundo da Obra da Rua. Aqui sente-se em profundidade a vivência evangélica amada por Pai Américo.

Enquanto escrevo, não tenho sossego. Todos querem que olhe, que os ouça, que sorria com eles.

Aproxima-se o Júlio, com os seus 5 anitos e diz: — *Anda tomar banho que eu seguro-te. É que ele é destemido, nem o mar o assusta. Atira-se à água e delicia não só os meus olhos, mas também os de alguns banhistas.*

O Bruno Filipe, esse, arranjou uma amiga e logo que chegamos à praia pede para ir «à minha amiga». É a Isabel que lhe empresta o colete para ir nadar, mais um balde e brinquedos que, muitas vezes, só servem para arrelias, pois todos os desejam para brincar.

Lando, o chefe e Ricardito, o cozinheiro, organizaram um jogo de futebol. Lá andam todos! É bom para

eu descansar e também para me rir. Uns, grandes; outros, pequenitos; todos correm, pulam e gritam «goolo!»... Gostava que apreciassem a beleza desta união. O António, pequenito, até passa por baixo das pernas do Lando que é muito alto!

Agora refilam o «Pudim» e o «Milton». Tudo passa e continua o jogo.

É assim a vida na nossa Casa de Azurara, neste turno dos mais pequeninos que constantemente me dão lições de simplicidade, de disponibilidade e submissão... Feliz com suas lições, abraço-os e beijo-os e vem-me ao pensamento a palavra do Evangelho de S. Marcos: «Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará n'Ele». Com este pensamento me calo, pois sinto-me longe desta realidade cristã.

M. Angélica

## MIRANDA DO CORVO

GAMPO — Depois das chuvas constantes pudemos colher a batata. Muita estava pôdre.

As oliveiras davam-nos esperança de um ano de muita azeitona, mas a flor caiu quase toda com as chuvas.

A fruta está, também, muito limitada. No entanto, as ameixas foram abundantes e boas.

O milho cresceu bastante, mas como a chuva, entretanto, tinha parado, necessitou de rega constante.

CASAMENTOS — Dois gaiatos, o Dias e o Zézito, casaram no dia 6 de Agosto, na nossa Capela.

Todos lhes desejamos um casamento de grande união e felicidade.

PRAIÁ DE MIRA — Nesta altura, as férias à beira-mar já terminaram. Foram desde Julho a 15 de Agosto.

Conosco, a aproveitar, estiveram dois grupos da Casa do Gaiato do Tojal. Esteve, também, o Cardoso que vive, agora, na sua terra e trabalha numa fábrica. Era o nosso vaqueiro e teve saudades!

O Jorge Teles e o Rogério nunca tinham visto o mar. Ficaram admirados e contentes.

Boas férias.

Guido

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Quando andamos por lá não deixamos de marcar o que nos sensibiliza. Naquele dia lemos, mais uma vez, um pequenino cartaz que define um estabelecimento, o local, e cujo meroador aproveita para lucro pessoal. Em suma: fartar... que a passagem pelo mundo é breve. A laia de Sodoma!

Não tarda o contraste: Muito pertinente, surge uma profetisa a clamar que é gente. Testemunha o seu calvário em trabalho humilde — para sobreviver miseravelmente. Anda pelos setenta anos. Face enrugada, mãos ca-

lejadas, lenço traçado, saia de roda, alpergatas... Não pára! Remexe os caixotes em busca de papel velho.

— Ó mulher, a sua cruz é tão grande!

— *É a vida dos Pobres! Isto dá pouco, mas quem precisa tem de se mexer... É o q'eu faço.*

— Quanto dão por quilo?

— *Só quatro escudos. Dá pouco...!*

No ano 2000, segundo estimativas oficiais, haverá em Portugal 1.400.000 cidadãos com mais de 65 anos. Situação que já motivou a criação duma Comissão Nacional para a Política da Terceira Idade que visa, num plano integrado, garantir um melhor nível de vida para os mais idosos.

Oxalá se cumpra a promessa, até porque se chegou «à conclusão de que os problemas específicos deste grupo etário não são passíveis de solução satisfatória através de medidas avul-

sas ou de carácter exclusivamente sectorial».

PARTILHA — Registamos a presença da assinante 25205, de Aveiro, com dez contos para «casos tristes a precisarem de auxílio». Quinhentos, de Alberto. Mais uma bolada da assinante 31104, a distribuir de acordo com as intenções expressas. E uma prece: «Como trago a alma doente, suplico que rezem por mim. Jesus terá ficado grato a quem Lhe limpou o rosto e a quem O ajudou a levar a Cruz. Ele, que tudo pode, me dê um auxílio que torne menos difícil o que ainda me resta percorrer».

Na próxima edição daremos nota doutras presenças. Algumas tão certinhas que, mesmo nos antípodas, jamais esquecem que os Pobres estão sempre à nossa espera.

Júlio Mendes

# Livros de Pai Américo

«Dizer que fiquei contente por receber o livro, é repetir o que sempre acontece e acontecerá com os que li, em preparação. É um grande bem para nós, um presente real — e que seja, por nós, bem vivido.

Obrigado. O que junto é simbólico.

Assinante 2164»

«Mais um livro do Padre Américo veio enriquecer a minha estante. Não há dúvida que é uma autêntica lição para quem andar afastado dos problemas da sociedade em que vivemos.

Faz-nos lembrar, do Evangelho de S. Marcos, a «Parábola do semeador». O Pai Américo sempre que lançava a semente, caía em boa terra, dava bons frutos. Que lição extraordinária para muitos que lançam a semente em terrenos pedregosos, à beira do caminho, ou no meio de espinhos e, por essas razões, nunca chegam a germinar e nunca dão fruto; o mesmo quer dizer: não ajudam aqueles que necessitam, nesta sociedade tão carenciada.

Oxalá que este livro tenha uma mensagem que sensibilize os corações duros desses homens.

Assinante 9097»

«Agradeço, do fundo do coração, não esquecerdes de me enviar os livros do Pai Américo à medida que vão saindo. Primeiro, leio-os dum fôlego; assim como uma pessoa que está a morrer de sede e bebeu

um copo de água todo, duma só vez. Mas, depois, é capítulo por capítulo, como quem saboreia um delicioso manjar; ou melhor: é o meu livro de cabeceira, a minha meditação antes de adormecer.

Assinante 29734»

«Peço desculpa de tão tarde vir acusar o livro do Padre Américo que me enviaram. Como sempre, leio-o logo que recebo e dá-me momentos de grande prazer intelectual e espiritual.

Faz-me pena que tão bela literatura se não encontre nas livrarias nem mesmo naquelas casas especializadas em certa literatura glico-doce e de nenhum proveito para quem a lê.

Leitora habitual de livros que se publicam, tenho que vos dizer: são bem revistos e impressos.

Quando penso que são os gaiatos que os fazem, sinto-me orgulhosa por eles.

Assinante 20973»

«Propositadamente demorei algum tempo a acusar a recepção do livro «Notas da Quinzena» porque quis saboreá-lo antes de me desobrigar.

Fez-me bem a leitura e, mais uma vez, as palavras do nosso Padre Américo despertaram sentimentos de culpa pelo pou-



Manuel Amândio

# Notas da Quinzena

Cont. da 1.ª página

cuidar dela. Assim cremos! E que os vicentinos não desanimem com esta sacudidela e outras. Quem se mete nestes trabalhos só descansa quando chega ao fim e põe o remédio na chaga aberta. Abençoada visita!

● Ao lado da miséria que os homens fazem, cresce o bem que há-de marcar o tempo em que vivemos. É verdade que o mal é profundo. Chega às raízes do ser humano. Experimentamo-lo no dia-a-dia.

Hoje, o garoto chega às Casas do Gaiato mais despojado e ferido que no tempo em que Pai Américo as fundou. Então, chorava e gritava, ao ver partir a pessoa que o trazia, a quem tão pouco o prendiam laços de sangue. Mas havia uma ligação afectiva. Agora, deixa os braços da mãe que o gerou, mas não o cria, porque a sua morada mais certa é a rua da prostituição, e cai em nosso regaço como se fôramos carne de sua carne, sem lágrimas nem saudades, na idade em que a separação seria a hora de chorar. O mal é mais profundo.

Por isso, à medida que esta miséria vai sendo conhecida, a força do bem semeado no coração, irrompe. Interroga as pessoas. Quebra a indiferença. Pergunta pelo sentido da vida. Põe em causa a ordem dos valores. O que está primeiro? Vidas que, até aqui, iam correndo ao sabor do tempo, são sacudidas e, quem sabe?, abrem-se ao chamamento do Senhor que tanto necessita delas. É a violência do bem a responder às provocações da miséria, filha do mal.

Se visseis a alegria dos nossos mais pequeninos (cerca de 50), no sábado passado, quando cheguei à praia onde passaram três semanas à beira-mar, faríeis um acto de Es-

co que tenho feito pelos Pobres e demonstraram o quanto de comodismo e egoísmo nós possuímos. Esperemos que esta sociedade favoreça uma mudança de atitudes no sentido de mais solidariedade.

Assinante 682»

«Aquele colecção que pedi para mandar a uma senhora amiga, foi para oferecer a uma biblioteca de gente nova.

É preciso dar a conhecer o pensamento do Padre Américo e nada melhor que os seus livros que, penso, deveriam estar em todas as bibliotecas para serem lidos por muita gente. É uma boa semente que é preciso semear. Não é verdade?»

M. do Pilar»

perança comigo. Eles são da raça de que atrás vos falei. A força do Bem pode mais que a do Mal. E pode fazer mais. Acredito que não vais rasgar esta página sem te interrogares a sério se estás no teu lugar. Ou será que a hora de Deus não chegou ainda para ti? Sim, a hora de deixares as malas e vires...

● A Igreja é Mãe. Desde que nasceu, nutriu um carinho fecundo pelos Pobres. Eles são a porção mais amada da Sua herança. Sempre que foge deste caminho, o Seu rosto perde

beleza e sedução. Afasta os que estão fora e acomoda os de dentro. Perde a força de Jesus de Nazaré e não é mais sinal de contradição. O Senhor chora como chorou também outrora. A Obra da Rua é filha da Igreja. Pertence-Lhe, por direito, desde que foi concebida no coração de Pai Américo. N'ela está a garantia da sua continuidade.

Durante a Quaresma deste ano, a Igreja que está na Diocese de Santarém, destinou as renúncias quaresmais para a Casa do Gaiato. Elas chegaram com esta nota delicada: «Sem-

## SETÚBAL

Voltou a ser para nós uma graça muito especial a presença dos doentes do Calvário na nossa Casa da Arrábida.

Ninguém no mundo merece e precisa tanto de férias como os nossos doentes. Para além de carregarem o peso dos nossos pecados com as suas incapacidades, doença e sofrimento, eles passam o ano inteiro dentro do

mesmo ambiente, com as mesmas pessoas, sujeitos a uma inevitável monotonia diária.

Proporcionar-lhes alguns dias, durante o ano, no paraíso arrabidino, agora também propriedade sua, é uma obrigação nossa apesar da distância e do incómodo da viagem.

Os jovens cristãos desta diocese tomaram a cargo o cuidado dos doentes dando-lhes uma semana das suas férias e revezando-se em organização, por forma a proporcionarem o contacto com o maior número possível de jovens e o cuidado intensivo e permanente com os doentes.

Tem sido uma maravilha evangélica. O sermão da montanha torna-se realidade e o Reino de Deus evidente.

Os doentes são levados à praia. Tomam banho de mar e sol, brincando e gozando a companhia permanente e o carinho dos jovens que, iluminados pela contemplação do **Homem das Dores**, ali tão pertinente, os desperta em ternura crescente.

Quase todos os doentes necessitam que a comida lhes seja posta na boca e que a parte baixa do seu dolente corpinho seja lavada sempre que urge.

À tarde, na magnífica esplanada da nossa Casa, os doentes gozam a sombra e o ar puro da serra, conversando (é uma conversa feita de gestos, de intervenções, de olhares) com os «cireneus» sempre atentos ao peso da sua cruz.

Para os jovens cristãos, quase todos universitários ou já formados, construtores de um mundo novo, estas semanas são uma experiência de fé única, abrindo-lhes o coração e o ideal para os rasgos que o Evangelho preconiza.

A Arrábida torna-se, assim, um centro de espiritualidade ao nível do Vaticano II e actualizada em todos os tempos.

Padre Luiz

Padre Acílio

pre à espera das últimas «pinguinhas», fui demorando o envio da importância junta, como resultado das renúncias quaresmais, nesta Diocese. Não se especificou a finalidade, pois o anúncio global do destinatário foi a Casa do Gaiato. A Obra faça como entender, como é óbvio. Só desejo que tudo

seja para construção do Reino de Deus, nos seus membros mais carenciados». Ao Pastor da Diocese, aos párocos e comunidades, a Obra da Rua agradece a confiança depositada no instrumento humilde escolhido para realizar tal desejo.

Padre Manuel António

RETALHOS DE VIDA

### «SAMOCA»



Sou o João Manuel de Castro Agrelos. Nasci em Favaios, em 1969.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, porque a minha mãe abandonou-me.

Tenho mais um irmão e quatro irmãs. Eu, o mais vadio!

O pai era muito doente e eu tinha que fazer o comer para os meus irmãos.

Agora, trabalho na cozinha. Sabem o que é ajudar a servir uma família tão grande como a nossa, aqui, em Paço de Sousa!?

João Manuel de Castro Agrelos («Samoca»)

## Recado aos Assinantes de O GAIATO

Os meses de férias são um castigo para os rapazes da administração e expedição do jornal. Aparecem devoluções em catadupa com a nota de **desconhecido** ou de **endereço insuficiente**, sobretudo de freguesias sub-urbanas, algumas delas recentemente promovidas a vila, onde não havia números de polícia e agora há. O que acontece?... Os carteiros habituais também têm férias e os seus substitutos não conhecem as pessoas... nem fazem esforço para as encontrar. A mais pequena dificuldade, tomam o caminho mais fácil: devolver à procedência. Daí a avalanche.

Outros jornais trazem o apontamento de nova morada. Neste caso o carteiro conhece o destinatário e sabe até o seu actual endereço. Mas será mesmo alteração definitiva, ou tratar-se-á de domicílio passageiro em tempo de férias?

Só os próprios assinantes nos podem esclarecer e a eles dirigimos o pedido deste favor. Aqueles a quem o jornal tem faltado, verifiquem se o endereço está **integralmente** correcto. E se não, nem que seja apenas a falta do número da porta, ou a indicação do andar, ou qualquer outro pormenor que lhes pareça de somenos, tenham a bondade de nos reter a direcção **exacta** — e não contem com a diligência dos serviços dos correios... que isso, salvo as respeitáveis ex-

cepções que sempre há, «é chão que deu uvas».

Outra nota que aparece às vezes a justificar a devolução é a de **recusado**. Isso sucede geralmente com assinaturas pedidas por outrém, sem prévia consulta do próprio. Ainda hoje nos foram devolvidos dois jornais desta sorte, justamente de uma terra de onde há pouco nos veio uma abonada lista de assinantes novos. Ora nós estimamos imenso a dedicação e agradecemos o zelo destes Amigos proponentes. Mas pedimos a todos quantos sentirem a inspiração para uma tal iniciativa que consultem antes os possíveis novos leitores e nos enviem notícia somente dos que aceitarem a proposta; quero dizer: o compromisso mesmo de ler. Porque é de leitores o nosso anseio autêntico; não a paixão de grandes números para a tiragem do jornal. E assim, quando vamos nós próprios divulgar o jornal por tantas paróquias aonde temos ido, fazemos questão de que ninguém assine por complacência fácil, mas só aqueles que têm intenção e disponibilidade para ler. E se alguém que nos parece não a ter se nos apresenta, não hesitamos em desmotivá-lo. Pedimos igual cuidado a quantos Amigos participam na nossa permanente campanha de assinaturas.

Padre Carlos



## DOCTRINA

• Vamos começar hoje nova página neste livro de cenas amorosas, que tem apaixonado tantos corações. É uma nova modalidade, colhida nas necessidades que topamos e nas lágrimas que caem dos olhos ao ver outras a cair. A obra já está começada. Nesta data, cinco famílias sem nome escreveram o verbo amar na nova página do livro; e recebem em suas casas outras tantas crianças de 15 anos para baixo, às quais servem as sobras das suas mesas nas horas da refeição. É uma obra muito necessária e muito eficaz. Não pesa nada a ninguém e alivia a carga das viúvas pobres. Furta os pequeninos às agulhas do Dispensário. Garante gente sadia, mocidade alegre, filhos à Pátria.

Sem deixar de ser obra eminentemente social, tem dentro de si o valor maior carácter divino que temos posto sempre em todos os apelos e passadas.

• Aquele pequenino leproso que Isabel da Hungria encontrou na rua e deitou em sua cama foi visto no mesmo sítio na figura do Nazareno, brancos abertos, nimbado de Divindade! Foi ele, até, o Leproso pequenino que encontrou na rua a Santa da Hungria...! Esta lenda não é a promessa, mas vem dela: «A Mim mesmo fazes» tudo quanto em Meu nome fizeres aos pequeninos do mundo. «Hão-de passar os séculos, a Minha promessa fica.»

• Dá uma vaga, na tua copa, a um destes pequeninos, irmão dos teus filhos. Procura nele traços do Nazareno que tanto melhor os encontras quanto mais desgraçado ele for. Tens a página às tuas ordens; escreve nela o verbo amar — hoje. Eu também escreverei o mesmo verbo na mesma página, apontando o candidato oportuno e adequado, verdadeira especialidade em seu género. (...) Os Pobres são legião. Na Baixa há ruas inteiras, casas de muitos pisos ocupadas absolutamente por eles. Caminhemos enquanto faz luz, que cedo vem a noite quando ninguém pode sair...

*D. Amén. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

# Calvário

Cada senhora que vem dar-nos uma ajuda, alimenta o fio de água que sempre está saindo da fonte da Esperança; sai e corre escondido entre as ervas do campo. Assusta-nos, sim, o perigo de se perder nos vales sem fim.

Desta vez estiveram — a Emília, de Aveiro e a Manuela Reis, de Lisboa. «Encantadas» — disseram. E foram.

Outra vez o fio de água no reguinho sinuoso.

A Manuela deixou-nos este belo testemunho:

«Cheguei ao Calvário numa tarde de calor, no final do mês de Julho. Percorri 366Km de carro e presenciei três desastres; um deles brutal, onde morreram três pessoas, tendo um dos carros ficado numa amálgama de encontro a uns pinheiros belos e majestosos. Foi uma ultrapassagem, disseram-me... Tanta pressa, Senhor!... Para quê?

Que contraste com o ambiente do Calvário!... Aqui, ninguém se atropela e tudo é calmo. E, no entanto, há, também, uma corrida — mas é uma corrida de ascensão, onde os bens espirituais se elevam cada vez mais altos, numa corrida espiritual para atingir a mansão de Deus.

Nesta corrida temos que nos despojar dos bens materiais que cegam, que atrapalham e sobrecarregam com preocupações desnecessárias e supérfluas.

Trabalhar sim, mas sem acumular. Antes repartir com os mais fracos e débeis, pois partilhar é uma das melhores formas de amar. Isto, toda a gente sabe. No entanto, há quem prefira ignorar e viver como se a morte não chegasse nunca...

Aqui no Calvário, há uma revolução permanente. Sem violência, sem armas bélicas, sem gritos, sem greves...

Esta revolução é feita pa-

## Tribuna de Coimbra

Cont. da 1.ª página

da nunca lhe tiraram o sentido de peregrina nesta terra. Como falava com alma de todos os Pobres que tinha procurado ajudar! A sua paixão era curar as chagas do mundo inteiro. Que todos se amassem. Que todos se dessem as mãos.

Recordo, com muita saudade, a nossa última conversa, poucos dias antes de partir, ela já na sua cadeira de doente!

Que viva, agora na Casa do Pai, a Vida que sempre desejou.

Padre Horácio

cientemente, tendo como única arma o amor e o murmúrio das dores em unísono com as orações e vai-se fazendo todos os dias o que é preciso ser feito: dar de comer a quem tem fome, dar de beber a quem tem sede, vestir os nus, limpar, acari-nhar...

Quando saí de Lisboa, com destino ao Calvário, julguei que vinha dar. Dar o meu subsídio de férias, a minha disponibilidade, o meu amor. Mas, ao chegar ao fim, verifico que, afinal, recebi mais do que dei.

Quanta humildade presenciei, quanta alegria pura me envolveu, quanta ternura recebi. Dar é, de facto, uma forma de receber. Agora, posso dizer que vou mais rica porque levo o Calvário no meu coração.

Tem-me acontecido que, quando vou ver doentes, sinto pairar

a morte e, pensei que o mesmo aconteceria no Calvário. Puro engano. Aqui, sinto a verdadeira Vida que é bem diferente da vida que eu deixei em Lisboa. Aqui, vive-se sem humilhação, sem complexos, sem competição; mas antes, numa dádiva total, porque a ambição, a inveja, a vaidade, a corrupção não têm aqui cabimento. São males que ficam lá fora, para além do portão.

No Calvário há tempo para tudo — até para meditar. E, então, verifico como são mesquinhos e infrutíferos os dias em que não nos preocupamos com o «servir», na medida em que servir é outra forma de amar.

Cada vez estou mais convencida de que o Amor tudo resolve. Tantas negociações para acabar com a guerra entre os povos que não resultam porque nelas não impera o Amor, mas

antes os interesses materiais e as negociações escandalosas, à custa do sofrimento desses povos.

Nada acontece por acaso. Só que às vezes, no momento dos acontecimentos, não sabemos interpretar, dada a nossa pequenez.

Eu estava inscrita numa excursão durante estas minhas férias; mas o meu nome, não sei porquê, deixou de figurar na lista. Agora estou contente, porque só assim pude entregar o meu subsídio de férias no melhor local do mundo que eu encontrei e que se chama o Calvário. Esta é uma excursão de Vida «vívida» que me dá a visão deslumbrante do Eterno.»

Também nós bradamos ao Senhor dos laços para que aperte bem... E cuide com carinho da pequena ponte.

No mesmo dia em que a Emília e a Manuela partiram, veio o pároco de Sedielos, Régua — com um caso horripilante a bradar aos céus! Que pena não termos uma resposta animadora para lhe dar.

Padre Telmo

## UMA CARTA

«Tenho sido um fraco assinante d'O GALATO! Nem sempre o tenho lido nem meditado no seu conteúdo. Mas creio que, se Deus quiser, hei-de vencer os obstáculos que me impedem de ajudar os meus irmãos mais necessitados.

Querida que tomassem como assinante o meu pai, que já viuvo e é reformado. Espero que fique muito contente com

o jornal, pois gosta muito de ler e foi ele que me ensinou. Quando entrei para a escola já lia o livro todo da primeira classe. O gosto que tenho por ler, jamais se apagou em mim. Não posso esquecer as grandes noites de Inverno! Meu pai lia à lareira com a candeia acesa — sabe Deus o seu sacrifício para comprar o petróleo! — e dificuldades para

evitar que as pingas mortas das telhas negras do fumo lhe caíssem (o que acontecia tantas vezes) em cima do livro. Minha mãe não sabia ler, mas sabia escutar e trabalhava no campo, assim como meu pai.

Trabalho em Lisboa na Indústria hoteleira como empregado de mesa. Minha irmã tem quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas, e eu não tenho nenhum. É a vontade de Deus. A nossa cruz é sempre mais leve que a do Monte do Calvário.»

Assinante 41314

## ZÉ MANEL

✝ Mais uma visita «inesperada» da morte. Mais um aviso aos que ficamos de que, na verdade, não é adequado aquele adjectivo, pois sempre ela pode surgir em qualquer momento, sem que conte a idade nem o estado de saúde, circunstâncias que a podem tornar previsível, mesmo esperada.

No Evangelho o Senhor previne-nos claramente. E quer dizer que, tendo nós nascido para a Vida, o que importa é estarmos sempre preparados para Ela, usando a vida, esta vida transitória em que ora estamos, segundo as regras que a Lei de Deus prescreve. Para uma consciência recta não há surpresas.

O Zé Manel safu aquela manhã do Porto para o seu trabalho, certamente longe de pensar o que o esperava e aos que viajavam no mesmo autocarro. O desastre foi brutal,

como os jornais noticiaram amplamente. E o seu estado tal, que nos aconselharam a nem tentar vê-lo. Mas os dias que mediaram entre a morte e o funeral foram cheios de provas de simpatia, quer do meio em que trabalhava, quer daquele em que morava — o que abona em favor dele e nos conforta.

O Zé Manel veio adolescente de Moçambique trazido por um destacamento militar que o achou sozinho numa aldeia do mato de onde toda a gente fugira. Para vir, forjaram-lhe uma certidão de nascimento

em que nada consta da sua ascendência. Não conhecia ninguém do seu sangue.

Em S. João da Madeira, onde ficou sepultado, soube-se da sua história. O Pároco anunciou à sua comunidade. E, no seio desta, gerou-se uma correspondência que me surpreendeu e muito sensibilizou. A Capela cheia, antes e na Missa de corpo presente. Poderia pensar-se em alguém com numerosa família ou de importante posição social.

Estamos profundamente gratos à comunidade paroquial de S. João da Madeira. Deram-nos uma bela lição prática de fraternidade cristã.

Padre Carlos

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm.: Casa do Gaíato-PAÇO DE SOUSA-4560 Panafiel-Tel. (055) 952285  
Comp e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaíato Paço de Sousa-4560 Panafiel